

gnration (g) - A “inquietação” é um dos conceitos centrais desta peça e atravessa o planeta, o corpo e a relação entre ambos. Em que momento percebeu que essa inquietação podia tornar-se matéria sonora e performativa?

Joana Sá (JS) - A inquietação sempre foi matéria para o fazer artístico em geral e também para o meu trabalho em particular... mas a inquietação tem uma singularidade: não somos só nós que a escolhemos como questão a trabalhar e desenvolver — é ela que nos toma os corpos e que, nessa simbiose, se materializa no processo artístico ou outro qualquer. A inquietação é uma urgência — ela urge, sem pedir licença. Nos tempos que correm, quem não está, de alguma forma tomado pela inquietação, estará não só alienado, mas também mais tomado pela loucura que os inquietos.

g - O incêndio de 2025 em Frádigas está muito presente no processo de criação. Como foi transformar uma experiência tão traumática, a nível pessoal e coletivo em matéria artística?

JS - Há várias histórias dentro da experiência do incêndio. Uma delas: o (“meu”) coletivo à escuta tinha acabado de lançar o livro “Comunidade : floresta — Vozes comunicantes para o futuro de um território” (ed. Museu da Paisagem) que reúne o trabalho de cinco anos sobre a “floresta” e a sua relação com as comunidades na Serra da Estrela/Açor. Trabalhámos em diversos territórios muito diferentes e em concelhos diferentes (Seia e Gouveia). Com este incêndio todos os territórios que estavam no livro — um livro grande! — tinham ardido. O coletivo à escuta faz projetos interdisciplinares que convocam as comunidades, parceiros científicos, colaboradores de múltiplas áreas, movimentos cívicos, associações ambientais e aprendi imenso nos últimos anos sobre as questões da “floresta”. Posso dizer que aprender muito sobre as questões que se colocam não é nada apaziguador, antes pelo contrário. A complexidade e a enormidade das questões é tão avassaladora que, a certo ponto, se torna difícil ter alguma esperança. Mas se cairmos, está mesmo tudo perdido. E se há povos a lutar contra gigantes pelos seus territórios há mais de quinhentos anos, então não temos desculpa: podemos e devemos poder cair mas temos de aprender a levantar-nos.

Este trabalho foi a minha forma de lidar com a queda e com o luto desta paisagem — luto que não tem propriamente espaço na sociedade ocidental para ser velado e partilhado — e a minha forma de me transmutar. “Corpo : território — variações sobre inquietação” é um processo de transmutação a vários níveis e tem, a certo ponto, um carácter quase ritualístico que convoca a essa transmutação pessoal e coletiva. Temos de nos transformar individual- e coletivamente para conseguirmos condições ecológicas e sociais para continuar a viver neste planeta. Esta transmutação acompanha também o meu processo de mudança para a aldeia de Frádigas.

g - Para além das gravações feitas durante o incêndio, há também registos gravados nos Açores, em Lisboa e Ponta Delgada. O que procurava nesses lugares e nesses momentos?

JS - Este trabalho começa como uma encomenda do Walk & Talk para trabalhar a partir deste território insular particular em várias residências em Ponta Delgada e Faial. Foi aí que surgiu a ideia de trabalhar a partir da ideia de inquietação nessa ligação corpo : território. O que mais me fascina nos Açores é a tangibilidade que temos da vida inquieta do planeta ali pela geologia vulcânica. Essa vida — que a sociedade ocidental tenta ao máximo abafar e que em muitos lugares, não damos nem

conta de existir — surge ali com uma potência impossível de ignorar e de controlar. O que faço nestes territórios é auscultá-la de forma a tentar trazer a sua tangibilidade para o palco. Há também gravações de campo de manifestações em Lisboa e Ponta Delgada — tenho ido a muitas manifestações nos últimos anos e, nalgumas delas, vou gravando. Há ainda outras gravações que são usadas de formas fragmentárias: uma gravação da Inquietação do José Mário Branco cantado pelo Camané com um arranjo meu para piano; gravações do meu coração (fazendo a ponte com o meu trabalho anterior “a body as listening”) e do coração do bebé da Teresa Silva (que faz apoio à performance e movimento neste trabalho), etc...

O que procuro nos diversos contextos é captar múltiplas vozes e expressões humanas e pós humanas da inquietação/inquietações.

g - O piano, o bombo e a caixa são aqui transformados e deixam de funcionar como instrumentos convencionais. Como funciona este mecanismo e o que permite escutar que não seria possível ouvir através da forma tradicional de tocar estes instrumentos?

JS - Imaginem estas vozes de planeta a emergir e ressoar de dentro destes instrumentos. Mas imaginem que não é só uma questão de o som vir de dentro deles: estes instrumentos tornam-se o seu corpo, a sua caixa de ressonância e soam de forma diferente consoante saem das suas diversas entranhas — das diferentes partes dos instrumentos. Explicando o processo:

O piano, conectado a duas outras entidades sonoras — um bombo e uma caixa — surge enquanto *aparato* instrumental, transmutado através de excitadores sonoros acoplados aos três instrumentos. Nesses mesmos excitadores, são difundidas, por seis canais independentes, composições sonoras realizadas com gravações de campo, que ressoam através dos próprios instrumentos, colocando as suas partes (o tampo, as cordas, as peles, etc.) em diferentes estados de vibração, excitação. As entidades sonoras surgem, assim, com um carácter eruptivo e inquietante, captando diferentes relações corpo : território.

g - A peça aponta para uma revolução imaterial e para a necessidade de ultrapassar a ideia de corpo e território enquanto “recursos” sujeitos à extração. Que papel pode ter a arte nessa mudança de relação com o território?

JS - A arte não vai salvar o mundo. E não vai mudar nada nessa relação enquanto estiver numa lógica de fazer objetos que versam SOBRE isto ou aquilo. Mas pode contribuir para a criação de outras dinâmicas e potenciais, se estiver disposta a descentralizar os seus processos de produção e apresentação — não basta “ganhar inspiração” e criar em residências nestes territórios e depois ir apresentar nos grandes centros urbanos. E também não vale ir para estes territórios a achar que somos salvadores do mundo. Muitos dos piores erros são cometidos por pessoas que querem salvar o mundo.

O problema dos incêndios é de uma enorme complexidade, mas um dos grandes problemas que está no seu cerne é o abandono (de população, do estado social, etc.) destes territórios. Digo muitas vezes: é impossível pensar a urgência climática em Portugal sem se reformular a nossa relação com o “interior”. A arte pode criar dinâmicas que contribuam para novas relações com os territórios — há já diversos bons exemplos em Portugal — mas atenção que também são estes territórios periféricos (rurais ou urbanos) que podem actualmente encontrar novos caminhos para a arte. Na minha

opinião, os futuros que possam ser férteis terão de passar, inevitavelmente, e de formas muito diferentes, por estes lugares.